
Inventário – uma abordagem para o mapeamento de uma produção de livros de artista¹

Gabriela Agustina Irigoyen²
Irene de Mendonça Peixoto³
Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Este artigo descreve o mapeamento de uma produção autoral de livros de artista a partir da sua materialidade, dos seus processos de feitura, sua organização e poética. Apresenta três diagramas visuais correlacionando termos que habitam o universo do livro e do livro de artista e dois quadros descritivos, ainda em construção, com termos criados a partir dos livros que compõem o corpus desta pesquisa. Consideramos o estudo de objetos sob premissas processuais, transformadoras e contextuais. O intuito deste artigo é o de propor plataformas de observação para auxiliar na criação de narrativas para livros de artista – um termo complexo e amplo. Propõe uma abordagem de análise e mapeamento para essa categoria e não um meio para classificar ou definir de forma restritiva o que é um livro de artista.

Palavras-chave: Livro de Artista; Livro-objeto; Materialidade do Livro; Processo Criativo; Arte e Design.

Introdução

Este artigo foi escrito a partir da necessidade de mapear e inventariar a produção autoral de livros de artista ao longo de quase vinte anos. Além de uma inquietação e necessidade por lançar um novo olhar para essas obras e *construir um espelho do próprio trabalho*.⁴

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Design da Escola de Belas Artes/ Universidade Federal do Rio de Janeiro na linha de pesquisa Design e Cultura sob a orientação da Profª Drª Irene de Mendonça Peixoto, e-mail: irigoyen.gabi@gmail.com

³ Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Federal do Rio de Janeiro na linha de pesquisa Design e Cultura, e-mail: irenepeixoto@eba.ufrj.br

⁴ Ao discorrer sobre os modos de subjetivação no fazer do livro de artista a pesquisadora Cristiane Alcântara (2017) afirma a importância do posicionamento do autor ao mencionar os métodos didáticos de Lygia Pape no curso livre *Processos de Criação Artística* entre os anos 1969 -1971 no MAM-RJ. A artista afirmava que o aluno ao falar de si, ao defender o seu trabalho perante a turma, compreenderia melhor todo o processo de experiência no mundo e criação. Seria como ter “...um espelho do próprio trabalho e dele mesmo.” (p.100-101)

Assumimos que seria possível, a partir de tantos livros criados ao longo dessa trajetória construir uma abordagem que fosse aberta o suficiente para abarcar as variedades que são intrínsecas ao livro de artista.

Iniciamos com algumas acepções encontradas sobre essa categoria de livros já feita por pesquisadores sobre o tema.

Em seguida apresentamos como seu deu a construção do corpus desta pesquisa que resultou em um Inventário, três diagramas visuais correlacionando termos que habitam o universo do livro e do livro de artista e dois quadros, que seguem em construção, com termos criados a partir dos livros selecionados.

Ao longo do artigo mostramos como é possível mapear uma produção de livros de artista a partir da sua materialidade, dos seus processos de feitura e encontrar pistas sobre a sua organização bem como a sua poética.

Apresentamos neste texto um recorte da pesquisa em andamento sob o título provisório de: “Livros Coisas, Livros Belos: reflexões sobre o processo de realização de livros de artista” sob a orientação da Prof^a Dr^a Irene de Mendonça Peixoto no PPGD/EBA – UFRJ.

(In)definições de livros de artista – mapa inicial de conceitos

Iniciaremos com algumas acepções encontradas sobre essa categoria de livros.

Descrições de *livro de artista e livro-objeto* encontradas no Tesouro de Arte e Arquitetura⁵ desenvolvido e financiado pelo The J. Paul Getty Trust, traduzido para o espanhol pelo Centro de Documentación de Bienes Patrimoniales do Chile e disponível gratuitamente online. Seguem as referidas definições:

Livro de Artista

Utilize para livros, sejam únicos ou múltiplos, feitos ou concebidos por artistas. Inclui livros produzidos por artistas como uma incursão editorial comercial com um impressor ou editor, usualmente na forma tradicional de um livro em edições de tiragem limitada, assim como também aqueles estruturados ou organizados para refletir ou comentar o programa estético ou político de artistas.

Livro-objeto

Utilize para obras de escultura, usualmente obra única, que tem a aparência de livro ou incorpora livros, mas que não comunica da maneira característica dos livros, tal como ser contendo de estampas ou imagens nem experimentado

⁵ É composto por mais de 100.000 termos principais e/ou alternativos que permite um vocabulário controlado para ser usado na descrição, acesso e intercâmbio de informação de objetos relacionados a arte, arquitetura, e outras culturas materiais; desde a Antiguidade até o presente. Acesse: <https://www.aatespanol.cl/>

sequencialmente ou em fragmentos, como página por página. Para livros realizados ou concebidos por artistas visuais, use "livro de artista" ou "livro de trabalho".

Apresentamos também a classificação da Sociedade de Bibliotecas de Arte da América do Norte, a ARLIS/NA, de 1982 apud Silveira (2008, p.47):

Livro de artista: livro em que uma/uma artista é o/a autor/autora.
Arte do livro: arte que emprega a forma do livro.
Livro-obra: obra de arte dependente da estrutura de um livro.
Livro-objeto: objeto de arte que alude à forma de um livro.

Um dos pioneiros em fazer levantamentos e descrições sobre tipos de livros incluindo o livro de artista como uma categoria no Brasil foi o artista e professor Julio Plaza⁶.

Segundo SILVEIRA (2008) o ensaio *O livro como forma de arte* escrito pelo artista e professor Julio Plaza é o mais significativo ensaio sobre a estética do livro de artista sob o ponto de vista da semiótica escrito no Brasil. Silveira dedica seis páginas para analisar esse artigo.⁷

Os pesquisadores e autores Amir Brito Cadôr (2016) e Paulo Silveira (2008), referências na área, também nos ofereceram análises e descrições a partir das quais seria possível gerar classificações de produções nacionais, internacionais e volumes existentes em acervos ou coleções privadas e públicas.

No capítulo “Definições e indefinições do livro de artista” SILVEIRA (2008) nos apresenta algumas classificações e conceitos da categoria segundo Riva Castleman, Johanna Drucker, Anne Moeglin-Delcroix, Clive Phillpot, Julio Plaza, Catarina Knychala, Annateresa Fabris e Calcida Teixeira da Costa.

Ulises Carrión, poeta mexicano, artista, editor, organizador de exposições e de seus próprios catálogos, bibliotecário e crítico de arte em *A nova arte de fazer livros*⁸ nos brinda com um texto escrito em 1975 que é um clássico e um dos textos mais potentes sobre o livro nessa categoria, que inclusive inspirou Julio Plaza.

⁶ “Em seu artigo “Livro como forma de arte”, escrito para a revista Arte em São Paulo, Plaza (1982a, 1982b) descreve e analisa as “formas” do livro, mostrando as “operações” de livros em tabelas e esquemas para conceituar o objeto livro dentro de uma perspectiva de vanguarda.” (MATTAR, 2020)

⁷ SILVEIRA (2008), páginas 58 a 63. Silveira também aponta em diversos momentos a influência do texto de Ulises Carrión, *A Nova Arte de Fazer Livros* na escrita de Julio Plaza. Os artigos publicados de Julio Plaza estão disponíveis livremente online em http://www.mac.usp.br/mac/expos/2013/julio_plaza/pdfs/o_livro_como_forma_de_arteI.pdf http://www.mac.usp.br/mac/expos/2013/julio_plaza/pdfs/o_livro_como_forma_de_arteII.pdf

⁸ Belo Horizonte: Editora Arte, 2011.

Adotaremos neste artigo o termo *livro de artista* no sentido expandido, que designa um grande campo artístico (ou categoria) que inclui desde diários, cadernos, livro-objeto a fotolivros, entre outros termos presentes nesta proposta de mapeamento, pois acreditamos que sejam adequadas à produção de livros que compõe o corpus da nossa pesquisa.

Gostaríamos de destacar que o posicionamento do autor do livro – quando este afirma que o seu livro é um livro de artista – também é importante para caracterizar a obra como tal.

Inventário – construção e possibilidades de mapeamento

Para construir o corpus desta pesquisa, foram selecionados 41 livros de artista criados por mim no período de 2016 a 2022. Reunimos imagens e informações referentes a dimensões, materiais e técnicas utilizadas na sua feitura. O corpus inclui desde publicações com tiragens limitadas até performance.

Demos um nome ao corpus desta pesquisa: *Inventário* (figura 1). Deslocamos o seu sentido de partilha de bens em direção a achado e descoberta a partir do resgate das origens latinas dessa palavra: *inventarium*, que possui a mesma origem da palavra inventar ou *inventio*.⁹

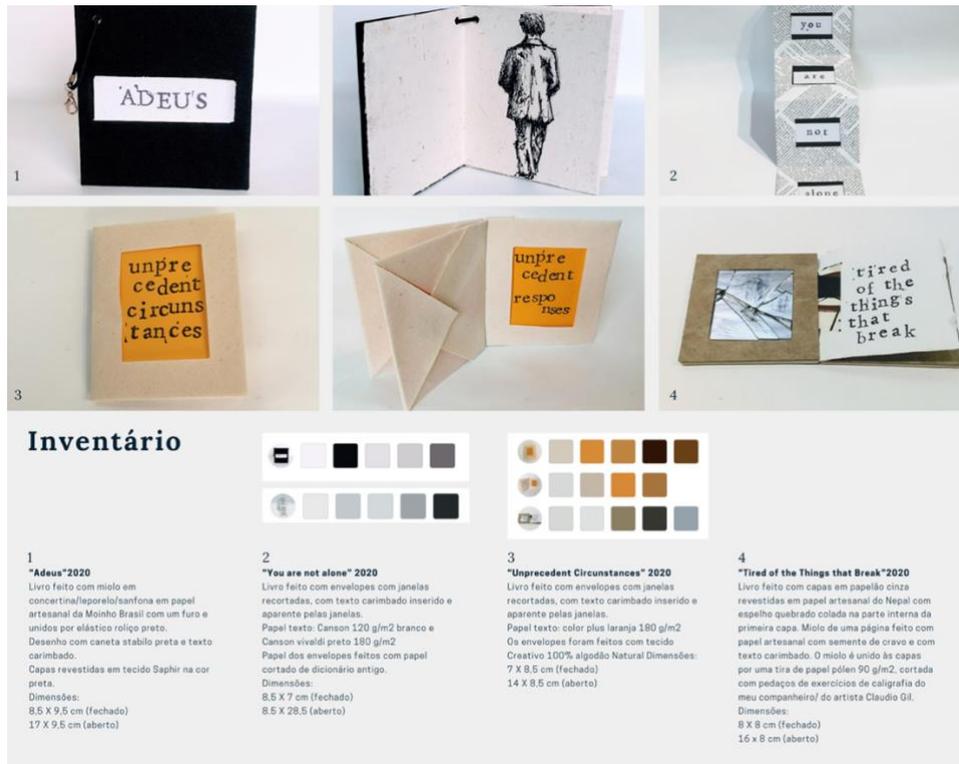
Para criar este *Inventário* nos inspiramos no pesquisador, professor e designer gráfico Michael Twyman(1979) em seu artigo “A Schema for the study of Graphic Language (Tutorial Paper)¹⁰ que propôs uma abordagem semântica e descritiva como uma forma de orientar e mapear as interpretações da linguagem gráfica e não um meio para definir o que é a linguagem gráfica. Guardadas as devidas proporções, o nosso intento também é propor uma abordagem semântica e descritiva para a análise e mapeamento de livros de artista e não um meio para classificar ou definir de forma restritiva o que é um *livro de artista*.

⁹ Faria (2020, p.524)

¹⁰ Original Title: (1979)

TWYMAN, Michael - A Schema for the Study of Graphic Language (Tutorial Paper)

Figura 1: página 1 do inventário em construção



Os livros que constituem o corpus desta pesquisa foram escolhidos a partir de três critérios: *materialidade*, *construção* e *poética*. O intuito é destacar a diversidade da produção dos livros de artista a partir desses aspectos.

A *materialidade* se refere aos materiais utilizados na confecção dos livros selecionados e a percepção que se tem deles: as dimensões, o peso, o fluxo de transições e as texturas. O livro é o contexto visível e apreciável dos materiais que tornaram possível a sua existência.

A *construção* é o modo como esses materiais foram unidos, as técnicas de encadernação usadas, os encaixes e/ou inserções utilizados. A forma como os elementos físicos que constituem o livro: páginas, capas, lombadas, folhas de guarda, linhas, revestimento e outros foram organizados e reunidos para constituir o objeto.

A *poética* surge quando o livro torna inoperante¹¹ as suas funções comunicativas e informativas - as suas funções comumente utilitárias - e se abre para um novo uso, contemplando uma nova potência de dizer. Nasce também quando o livro irrompe dentro do contexto da necessidade¹² de criar do artista, que precisa buscar uma resposta profunda dentro de si mesmo para atender a esse impulso, mesmo que temporariamente.

¹¹ A "poética da inoperosidade" descrita por Agamben (2018, p.60)

¹² "É preciso que haja uma *necessidade*, tanto em filosofia quanto nas outras áreas, do contrário não há nada. Um criador não é um ser que trabalha pelo prazer. *Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade.*

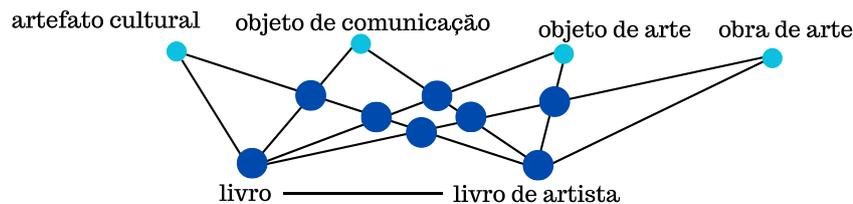
Um mapa para ampliar conexões

O termo cultura para WOODWARD (2007, p.172) refere-se ao que pode ser chamado de recursos de criação de significado dos objetos - *as capacidades simbólicas que os objetos oferecem para pensar por meio de e sobre diversos aspectos da vida social de forma a cultivar efeitos solidários e diferenciadores; ação prática somada à reflexão.*¹³ Sob esta perspectiva utilizaremos o termo cultura e entendemos as capacidades simbólicas dos objetos para a criação dos nossos diagramas.

No diagrama conceitual 1 (figura 2), criado a partir de categorias baseadas no levantamento¹⁴, apresentamos *Artefato Cultural*, *Objeto de Comunicação*, *Objeto de Arte* e *Obra de Arte* como as mais amplas, que ao nosso entender se relacionam com *Livro* e *Livro de Artista* e as complexificamos no diagrama conceitual 2 (figura 3) com as subcategorias *Diário*, *Caderno (Caderno de Trabalho ou Processo)*, *Caderno de Registro*, *Cadernolivro* ou *Livrocaderno*, *Livro de Trabalho* ou *de Processo*, *Livro Processo*, *Livro Ilustrado*, *Livro de Registro de Performance*, *Livro Performance*, *Livro de Imagens*, *Fotolivro*, *Livro-objeto*, *Livropoema* ou *Poemalivro* e *Livro-obra*.

Figura 2: Diagrama conceitual 1

Relacionados a **Livro de Artista** e **Livro** temos: **Artefato Cultural**, **Objeto de Comunicação**, **Objeto de Arte** e **Obra de Arte**. Existem muitos pontos de contato, transparências e interseções entre esses conceitos. Entendemos que a ideia de **Livro de Artista** não existiria sem a ideia de **Livro**.

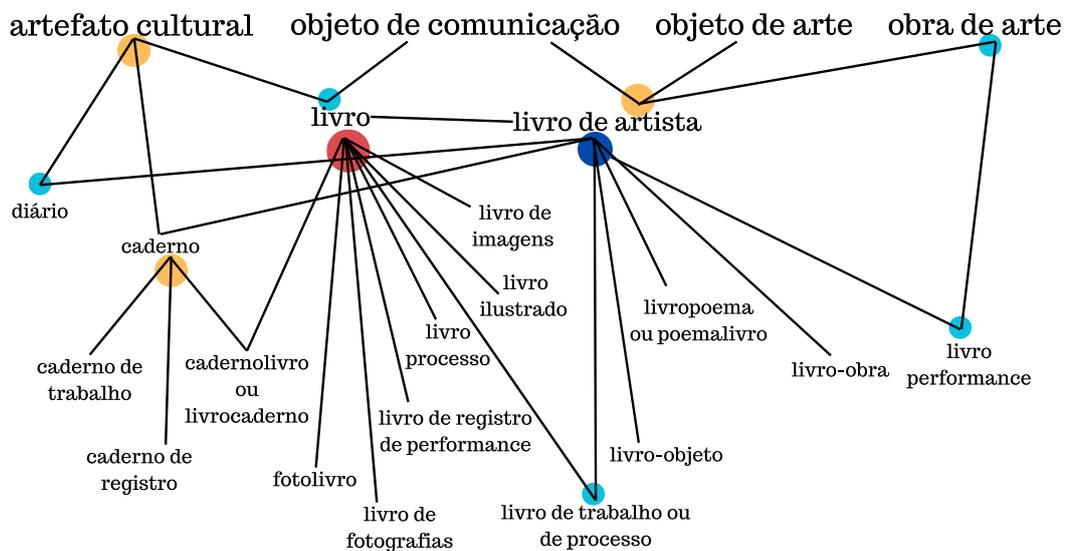


“DELEUZE (1999,p.3) e “Uma obra de arte é boa quando surge de uma *necessidade*. *É no modo como ela se origina que se encontra seu valor, não há nenhum outro critério*. “RILKE (2009, p.27, grifo nosso)

¹³ “First, the term ‘cultural’ refers to what might be called the meaning-making affordances of objects – the symbolic capacities objects offer to think through and about diverse aspects of social life in such a way as to cultivate solidaristic as well as differentiating effects; practical action in addition to reflection.”

¹⁴ Diagramas criados como ferramentas auxiliares para a análise dos livros de artista e construção do *Inventário*.

Figura 3: Diagrama conceitual 2



Entendemos cada um desses termos como contextual, dependendo do viés pelo qual será visto o objeto – que pode ser antropológico, histórico, projetual ou artístico. Woodward (2007, p. 174) nos apoia quando diz que aliadas a tradição estrutural e semiótica é necessária uma *combinação de narrativas* para se ter uma visão mais profunda das classificações culturais dos objetos, dos processos de singularização e subjetivação que os atores sociais usam para tornar os objetos significativos: *processuais* – as trajetórias dos objetos através de diversos espaços e tempos da atividade humana; *transformadoras* – mostram como os objetos podem ser continuamente moldados e remodelados pelos humanos por meio da interação da manipulação física e simbólica; e *contextuais* – mostram como os objetos estão situados dentro de discursos, narrativas, mitos e enquadramentos mais amplos que auxiliam na construção do significado cultural e sua interpretação. Dessa forma também entendemos que a categoria *Livro de Artista* é um termo mutável e que varia de acordo com o contexto cultural e histórico no qual é utilizado.

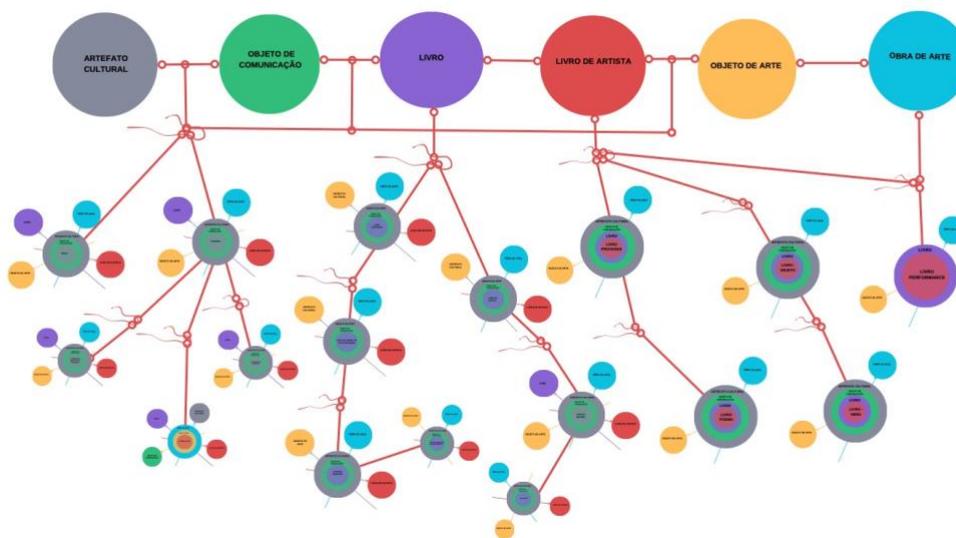
A partir das relações com essas subcategorias queríamos que os conceitos *Artefato Cultural*, *Obra de Arte*, *Objeto de Comunicação*, *Objeto de Arte*, *Livro de Artista* e *Livro* se sobrepusessem e criam-se matizes com o intuito de mostrar graficamente que dependendo do enquadramento do pesquisador um determinado aspecto seria enfatizado. Tínhamos o intuito de mostrar visualmente como os conceitos se interconectam e se atravessam por meio dos “alfinetes” espetados nos círculos menores que mostram as

potências de formatos, categorias e subcategorias. Por isso criamos um diagrama animado, possível de ser visto a partir do QR code (figura 4) e a sua visão estática logo a seguir¹⁵.

Figura 4 – QR code com link para o vídeo da animação do diagrama conceitual 2 no YouTube.



Figura 5- Diagrama Conceitual 2 estático



Entendemos que o termo *Obra de Arte* inclui trabalhos que não são objetos físicos ou digitais, como performance, por exemplo. Por isso o *Livro Performance* se inclui em *Livro de Artista* e *Obra de Arte*, mas não se inclui em *Objetos de Arte*.

Por sua vez, o conceito de *Livro de Artista* é amplo o suficiente para incluir uma obra como o *Livro Performance*, que remete ao objeto livro através do gesto da manualidade, do seu processo de feitura, de leitura ou manuseio em estado de performance e que não inclua necessariamente a existência de um objeto. A performance é o livro. Assim, o *Livro Performance* não está incluído na categoria de *Objeto de Arte*, mas sim nas categorias de *Livro de Artista* e *Obra de Arte*.

Criamos os quadros descritivos 1 e 2 (figuras 4 e 5) com descrições de subcategorias com o intuito de servir como ferramenta na comparação e definição de cada uma delas.

¹⁵Link para visualizar em tamanho maior o Diagrama Conceitual 2 estático (arquivo em PDF)
https://drive.google.com/file/d/1VZ-K_qIalQ8V9fuP_tdodOSuQOc4u4I5/view?usp=sharing

À continuação dos quadros descritivos apresentamos imagens de alguns exemplos das subcategorias descritas. Gostaríamos de ressaltar que os quadros descritivos seguem em construção, pois ainda faltam definições de algumas subcategorias.

Figura 6-Quadro descritivo 1

Diário	Anotações, escritos, reflexões de momentos íntimos e pessoais da artista, com ou sem imagens (desenhos, colagens, aquarelas, etc)
Caderno	<p>de Trabalho</p> <p>cadernos utilizados como espaço de experimentação de técnicas variadas e se assemelham aos sketchbooks, cadernos de esboços ou diários gráficos. Funciona como arquivo e registro dessas experimentações.</p> <p>de Processo</p> <p>Registros de uma explicação, uma ideia, uma técnica de costura por meio de desenhos, notas ou de construção de um texto ou de um livro de artista com um encadeamento perceptível que permite o acompanhamento de um processo – mesmo que o resultado seja temporário ou se modifique depois durante a sua realização.</p> <p>de Registro</p> <p>Cadernos nos quais apenas foram registradas frases, alguma observação breve ou desenhos rápidos de forma aleatória, sem encadeamento.</p> <p>Cadernolivre ou livrocaderno</p> <p>Cadernos que podem vir a ser ou se desdobrar ao longo do processo em obras dirigidas ao público de forma integral ou parcial como livros.</p>

Figura 7 – Quadro descritivo 2

Livro	<p>Objeto</p> <p>Pode ter a aparência de livro, a forma de livro, mas não comunicar da forma usual de um livro tradicional. Sua forma e a ordenação de imagens ou textos pode não acontecer de forma sequencial ordenada. Alterar a estrutura física do livro é parte do conteúdo do trabalho. Inclui obras nas quais a ênfase está na inserção de objetos não usuais ao livro ou a feitura fina do livro. Abrange livros feitos a partir de objetos outros para operarem como livros. Pode ser único ou de tiragem limitada. Pode ter um forte caráter escultórico.</p> <p>Processo</p> <p>Inicia com a feitura de uma matriz, seguida pelas impressões feitas a partir dessa matriz que resultarão em um livro. Não é o registro de um processo criativo que poderia servir como documento de processo.</p> <p>Poema ou Poemalivre</p> <p>É um poema no formato de livro. Pode ser uma palavra, frases, um poema completo que se expressa ao longo das páginas ou da estrutura do livro. Inclui formas diferentes de abrir e fechar, de encaixes, aberturas, transparências e objetos inusitados na construção do livro que ajudam a compor a sua poética.</p> <p>Performance</p> <p>São os gestos que remetem ao livro e as relações que temos com esse objeto: a coreografia da sua construção, da sua leitura, da sua escrita, da sua concepção em estado de performance.</p> <p>de Registro de Performance</p> <p>Um desdobramento em formato de livro da performance registrada em vídeo e/ou fotografia – não é a performance, mas o seu registro.</p>
--------------	---

Figura 8 – Exemplos de diário e de cadernos de registro

Exemplo de Diário com anotações e desenho



Exemplos de Cadernos de Registro

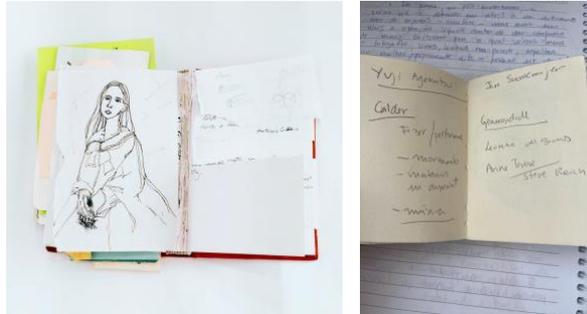


Figura 9 – Exemplos de fotolivro e livroperformance.

Exemplo de Fotolivro



Exemplos de Livroperformance



Figura 10 – Exemplos de cadernos de trabalho ou de processo

Exemplos de Cadernos de Trabalho ou de Processo



Figura 11 - Exemplo de livro poema (acervo da artista)

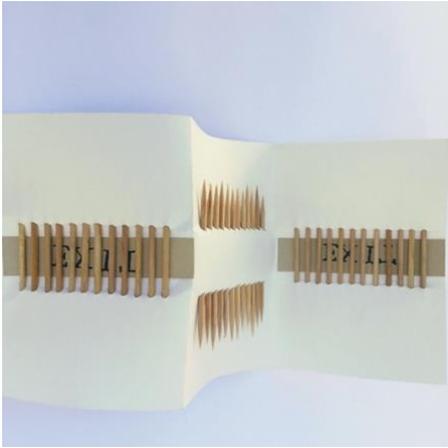


Figura 12- Exemplos de Livro Processo e Sketchbooks

Exemplo de Livro Processo



Exemplos de Cadernos



Figura 13 - Exemplo de livro-objeto (fonte: acervo da artista)



Nos deteremos de forma um pouco mais detalhada nas subcategorias de *Livro Performance*, *Livro Registro de Performance*, *Livro Processo* e *Livro de Processo*, *Caderno* e *Diário* porque acreditamos que existem pontos a destacar para sua melhor compreensão.

O *Livro Performance* difere do livro como registro físico de uma performance por meio de imagens ou de instruções da/para a performance como os apresentados na coleção Livro de Artista da UFMG¹⁶ dentro da categoria *performance*.

No *Livro Performance* os gestos de conceber, construir/fazer o livro e se relacionar com esse objeto são coreografados, destacados e metaforizados, tornam-se então performance e narrativa. Vestir o livro como véu ou máscara se torna também leitura e uma forma de escrita. A performance pode ser registrada em vídeo e fotografia e depois, como um desdobramento, se tornar *Livro Registro de Performance*¹⁷.

O *Livro Registro de Performance*, sendo um desdobramento em formato de livro de uma performance – não a performance em si – está relacionado a *Objeto de Comunicação*, *Livro*, *Livro de Artista* e *Objeto de Arte*.

No campo *Artefato Cultural* estão relacionados *Caderno* e *Diário* porque segundo o TA & A¹⁸ são:

Objetos físicos produzidos ou moldados por humanos que nos dão pistas culturais sobre a pessoa que o fez ou utilizou e se caracterizam, além do mais, por ser de interesse arqueológico ou histórico e do tipo recolhido por museus ou colecionadores privados.¹⁹

Apresentamos como exemplo para nos atentar como a discussão do uso de cadernos se amplia para o universo da arte, a série *cadernoslivros* do artista Artur Barrio citado em Derdyk (2019, p.45)

Ainda em relação aos formatos, além do códice ou da caixa, um bloco significativo dessa polissemia do livro de artista corresponde aos chamados cadernos, a maioria de grande acento conceitual. Dentre eles, são importantes os numerosos *cadernoslivros*, de Artur Barrio (elaborados nos anos 1960 e 1970), verdadeiro bastidor imagético sem fronteiras de gênero, com inscrições, desenhos, objetos e textos, uma produção que ainda se multiplica na contemporaneidade do artista como prática usual.

¹⁶ Disponível online em <https://eba.ufmg.br/colecaolivrodeartista/?cat=47>

¹⁷ Registro da performance “Como fazer um Livro Invisível” pode ser vista neste link <https://youtu.be/Fyh28PuUDeg>

¹⁸ TA&T: Tesouro de Arte e Arquitetura <https://www.aatespanol.cl/>

¹⁹ “Objetos físicos producidos o moldeados por humanos, especialmente herramientas, armas, adornos u otros elementos que sí dan pistas culturales acerca de la persona que lo hizo o lo utilizó, y se caracterizan además por ser de interés arqueológico o histórico y del tipo recogido por museos o coleccionistas privados.”

Inicialmente de caráter privado, cadernos e diários que contemplam anotações, esboços, desenhos, comentários e outros tipos de registro, podem vir a ser ou se desdobrar ao longo do seu processo em obras dirigidas ao público, de forma integral ou parcial, como livros publicados ou livros de artista. Considerar que caderno e diário tem a potência de se tornar livros e/ou livros de artista é considerar a obra não apenas como um produto, mas também como processo e possibilidade, um objeto em processo de mutação constante. Atribuímos qualidades aos objetos de acordo com nosso repertório²⁰ e pressupostos culturais e necessitamos de objetos para expressar tanto a nossa individualidade como a nossa coletividade²¹.

Livros de Processo são cadernos ou livros nos quais foram registrados o processo de uma explicação, de uma técnica de costura por meio de desenhos, notas ou de construção de um texto. O registro de uma performance ou a ideia dessa performance. Existe um encadeamento perceptível para acompanhamento de um processo que geralmente tem um início, meio e fim – mesmo que o resultado seja temporário ou se modifique.

O *Livro de Processo* se assemelha aos *documentos de processo* que aludem ao termo adotado pela *Crítica Genética*²² e difere do *Livro Processo* que é o resultado de um processo que se iniciou com a criação de uma matriz de impressão e não o registro de um processo criativo que poderia servir como documento de processo descrito acima.

SALLES (1998) nos descreve o que são *documentos de processo*: são registros materiais do processo criador. Agem como índices de uma gênese do percurso criativo. São vestígios vistos como testemunho material de uma criação em processo e são encontradas duas grandes constantes nesses documentos em relação aos papéis que desempenham ao longo do processo criativo: o de armazenamento e o de experimentação.

De uma forma geral os cadernos são utilizados como espaço de experimentação de técnicas variadas. Funcionam também como arquivo e registro dessas experimentações.

²⁰ CARDOSO (2016, p.19) “Atribuímos uma qualidade ao objeto que, no fundo, não deriva dele, mas de nosso repertório cultural e pressupostos.”

²¹ WOODWARD (2007) no prefácio do seu livro *Understanding Material Culture* afirma que as pessoas precisam de objetos para entender e realizar aspectos da individualidade e para navegar no terreno da cultura de forma mais ampla.

²² “As reflexões que serão, aqui, apresentadas tiveram como ponto de partida pesquisas no campo da crítica genética, que lidam com *documentos de processo* criativos na arte e na ciência.” (grifo nosso) (SALLES, 1998, p.11)

Livro de Artista no nosso mapa está diretamente conectado com a categoria *Livro*.

O livro é um objeto que em sua origem nasceu para ser compartilhado, para entrar em circulação. O livro de artista, como obra de arte segue essa ideia e intencionalidade de compartilhamento e circulação. Mesmo quando o livro de artista é único continua sendo um objeto que circula em exposições, bibliotecas, oficinas de criação de livros, encadernação, aulas, palestras, feiras, exposições, catálogos e meios digitais.

Considerações finais

Este artigo descreve como é possível mapear uma produção de livros de artista a partir da sua materialidade, dos seus processos de feitura e encontrar pistas sobre a organização e a poética desses livros. Oferecemos, neste artigo, uma forma de classificar a partir do ponto de vista da autora das obras que constituem o corpus desta pesquisa. Foi possível, a partir das obras selecionadas, criar termos que descrevem a poética e o sentido dos livros selecionados, não apenas a sua materialidade, e empregá-los juntamente com termos que já são utilizados por outros artistas e curadores.

Criamos diagramas conceituais cujas definições se sobrepõem, criam matizes, se contaminam e criam múltiplos sentidos por meio das linhas que se entrecruzam e formam pequenas tramas. Seus pontos de contato são valências abertas para se conectar com outras ideias/conceitos para nos ajudar a compreender o livro como uma matéria sinalética – possuidor de signos que atravessam a sua materialidade e o tornam polissêmico.

Os quadros descritivos foram ferramentas importantes para mapear como a produção se organiza e como a poética se expressa.

Ao refletir sobre as (in)definições de livros de artista percebemos que é uma categoria de livros que orbita em campos sempre em movimento e em transformação. No entanto, o exercício de descrever, classificar e analisar obras de artistas que criam livros, suas poéticas e seus processos criativos pode ser potente para explorar novos territórios nessa área e reconhecer correspondências entre os processos criadores das Artes Visuais e do Design Visual.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O Fogo e o Relato**. São Paulo: Editora Boi Tempo, 2018.

-
- ÂLCANTARA, Cristiane. **Modos de Subjetivação no Fazer do Livro de Artista**. Tese (Doutorado em Artes Visuais) Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.
- CADÔR, Amir Brito. **O livro de Artista e a enciclopédia visual**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.
- CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- CARRIÓN, Ulises. **A Nova Arte de Fazer Livros**. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Folha de São Paulo, v. 27, n. 06, 1999.
- DERDYK, Edith. **Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas**. Org. Edith Derdyk. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2019.
- Faria, E. (2020). **Dicionário latino-português Ernesto Faria**. 2ª ed. Belo Horizonte: Garnier.
- MATTAR, Marina Ribeiro. **O livro como forma de arte: a contribuição de Julio Plaza na produção e teorização do livro de artista no Brasil**. In: *Estud. Lit. Bras. Contemp.*, Brasília, n. 62, e627, p.1 a 11, 2021, e-ISSN: 2316-4018 2020
- PLAZA, Julio (1982). **O livro como forma de arte I**. *Arte em São Paulo*, São Paulo, n. 6, p. 19-34, abr.
- PLAZA, Julio (1982). **O livro como forma de arte II**. *Arte em São Paulo*, São Paulo, n. 7, p. 4-13, maio.
- RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.
- SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008, 2ª ed
- TWYMAN, Michael. **A Schema for the Study of Graphic Language** (Tutorial Paper). Paper from (Nato Conference Series 13 _ III Human Factors) Ariane Levy-Schoen, Kevin O'Regan (auth.), Paul A. Kolers, Merald E. Wrolstad, Herman Bouma (eds.) *Processing of Visible Language*-Springer US (1979) from Michael Twyman
- WOODWARD, Ian. **Understanding Material Culture**. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore: Sage Publications, 2007.